

Palavras da Editora

Caros leitores,

Muito nos orgulha trazer a vocês mais um número da nossa revista “Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre”. Este é o volume 16, número 1 de 2014, que para mim e para parte da equipe editorial tem um significado especial, pois é nosso “primogênito”, e como todo primogênito, inaugura em nós esta nova e enriquecedora experiência, que é a edição de uma revista.

Ao longo das gestões anteriores esta equipe contou com a experiência e o trabalho cuidadoso e artesanal (que a função exige), dos colegas Carmen Saile Willrich e Paulo Picarelli Ferreira, a quem somos muito gratos. Neste ano, a equipe se renova em parte, com o ingresso dos colegas Ariel Roitman, Maria Isabel Pacheco, e com o meu ingresso como editora. Agradeço, de modo lisonjeado, à Helena Surreaux, nossa Presidente e à Ester Malque Litvin, nossa antiga editora, por essa oportunidade que proporciona, além de um grande aprendizado, a possibilidade de ricos contatos dentro de uma prática por vezes tão solitária que é fazer psicanálise. Esperamos poder levar adiante o trabalho que tem sido feito até então, e que tem conferido a nossa Revista a qualidade que desfruta, contribuindo para o fortalecimento da nossa identidade como Instituição, reconhecida e divulgada no cenário analítico atual, e que todos os membros se sintam igualmente pertencentes.

Trabalhamos neste ano, com a ideia de fazer da revista um “Espelho” da Brasileira, traduzindo as grandes temáticas que se fazem presentes nas nossas atividades científicas. Sendo assim, o eixo temático deste número é “Escrita e Psicanálise”, um tema que surgiu com força em nossas jornadas, penso que como fruto de um desejo de nos sentirmos mais livres e encorajados a escrever. Foi o tema do I Encontro Latino-Americano de Escrita e Psicanálise “Escrita, Narrativa e Vida Psíquica”, última atividade científica que tivemos em 2013, e do evento que inaugurou as atividades de 2014, no encontro “Segredos da Escrita Psicanalítica” (conferência) e “A Cozinha da Escrita Psicanalítica”, que trouxe até nós a Dra. Gloria



Gitaroff, escritora e psicanalista da APA, ambos os encontros nos despertando para a “aventura” de escrever.

Foi uma grata surpresa recebermos uma grande quantidade de trabalhos dentro do eixo-temático proposto, confirmando que além de estarmos no caminho certo em nossa proposta de “espelhar” o interesse científico vigente na Instituição, gozamos de grande sintonia com os colegas que compartilharam conosco a Brasileira.

Por conta, do tema “Escrita e Psicanálise” ter se expressado de modo tão marcante, não teremos, excepcionalmente nessa edição, as outras sessões que normalmente compõem nossa Revista, sendo essa, portanto, uma edição essencialmente temática. É também uma edição que se caracteriza pela predominância de textos em formato de Ensaios e Reflexões e não artigos científicos, o que não chega a surpreender, pois reflete a maior liberdade que o eixo-temático propõe. Os leitores encontrarão cinco trabalhos de autores latino-americanos que foram publicados na “língua mãe” – o espanhol – mantendo assim sua essência. E por conta também de nos mantermos sintônicos com as atividades científicas da Brasileira, teremos nesta edição a primeira parte do trabalho do Dr. Victor Guerra “Indicadores de intersubjetividade de 0-12 meses: Do encontro de olhares ao prazer de brincar juntos” tema da atual Jornada. Fica a segunda parte deste trabalho contemplada na Revista que lançaremos no final deste ano, por ocasião da nossa última atividade científica de 2014. Aproveitamos para convidar os leitores a nos prestigiarem também nesta publicação do final deste ano. Aos autores que nos enviaram textos não contemplados nesta edição, mas aceitos para publicação, gostaria de agradecê-los de coração, e assegurar que seus trabalhos ganharão voz nos próximos números da Revista.

Temos na Seção Temática 15 textos apresentados por ordem alfabética do nome de seus autores.

Abrimos com Ana Cláudia Meira, psicóloga e escritora, apresentando o ensaio “Do Silêncio na Sessão à Escrita Clínica”, um belo texto que traz a escrita como um espaço e um modo necessário do analista escoar o excesso da intensidade do indizível deixado nele pelo analisando, mantendo deste modo, saudável a capacidade de seguir analisando.

No texto “A Escrita, o Relato Clínico e suas Implicações Éticas na Cultura Informatizada” Bernardo Tanis, psicanalista da SBPSP e editor da Revista Brasileira de Psicanálise, faz uma reflexão em torno dos aspectos éticos envolvidos nas publicações psicanalíticas nos dias atuais, abordando o quanto a natureza peculiar dos textos psicanalíticos necessita se adequar (ou se transformar) para

fins de publicação, em virtude da proliferação de publicações eletrônicas de fácil acesso nos dias de hoje, e seguir as exigências normativas dos parâmetros indexações.

O colega Celso Gutfreind, escritor, poeta e psicanalista da nossa Sociedade, apresenta de modo encantador um ensaio intitulado “Aprendizagem, Literatura, Psicoterapia: a trinca de ouro”, no qual (falando de si), relaciona a experiência do sujeito em sentir, pensar, aprender e escrever aos “embalos” dos afetos da relação mais precoce com o outro – a mãe – e como essa relação afetiva presente em tempo suficiente (também na transferência), pode transformar a falta, na presença que liberta – o apreender. Eis aqui o lugar em que a literatura e a psicanálise confluem.

A colega Gecelda A. Nunes Silva, psicóloga, Membro da Fundação Universitária Mário Martins, e o psicanalista de nossa Sociedade, José Facundo Passos de Oliveira, apresentam um criativo texto “O Ensino das Patologias do Desvalimento”, em que utilizam versos de um poema gauchesco e de um poema de própria autoria, para descrever de forma metafórica a função complementar do analista e sua peculiar vivência transferencial frente às chamadas Patologias do Desvalimento.

“La Asociación Libre como Recurso para Escribir sobre Psicoanálisis”, texto de Gloria Gataroff psicanalista da APA e escritora, propõe que escrever é uma forma de pensar, e que deveríamos usar a livre associação para se escrever em psicanálise, já que é somente através dela que se consegue resgatar o conhecimento adquirido na teoria, na experiência de análise pessoal, e na experiência clínica.

Ignácio A. Paim Filho, também psicanalista da SBPdePA e escritor, nos traz o trabalho “O Ofício do Analista e o Exercício da Escrita” em que coloca a escrita como um quarto pilar na formação do analista, em que através dela pode transcender a palavra falada e buscar uma interlocução na cultura.

O colega Juarez Guedes Cruz, psicanalista da SPPA, traz um muito interessante trabalho “O Histrião Literário na Escrita Psicanalítica” no qual apresenta alguns (são doze!) recursos literários que lhe parecem úteis na construção de um texto Psicanalítico.

O texto “Criação Literária – Questões Contemporâneas” da professora Léa Masina do Instituto de Letras da UFRGS, nos fala sobre as mudanças culturais que estão se impondo na entrada do século XXI, e que marcam profundamente, não só a escrita, mas todo o processo criativo, incluindo a psicanálise, e a necessidade de estarmos atentos e abertos a isso.



Com o título “A Experiência de Escrever em Psicanálise nas Diferentes Culturas Latino-Americanas”, temos duas autoras Latinas, que participaram conosco do I Encontro Latino-Americano de Escrita e Psicanálise – Escrita, Narrativa e Vida Psíquica. Trazem-nos seus textos em formato de Ensaio e Reflexões. Margareta Hargitay Wieser, psicanalista da ASOVEP, questiona se há alguma diferença em escrever nas diferentes culturas latinas. E num relato reflexivo narra a vivência de escrever em psicanálise a partir do tenso momento atual político, social e econômico que vive seu país, a Venezuela. Magdalena Filgueira, colega psicanalista do Uruguai escreve “Hoy la cosa va en serio: Entre la escritura y el psicoanálisis”, no qual fala sobre as influências que textos Freudianos e textos de outros autores latino-americanos contemporâneos deixaram nela, marcando sua vivência como psicanalista no Uruguai e em sua experiência em escrever em psicanálise, dentro das culturas latino-americanas.

Mariano Horenstein, psicanalista da APA e editor da Revista Calibán, no texto “¿De qué hablamos cuando hablamos de analizar? Psicoanálisis y escritura”, vê a escrita como um “metabolizar toxinas” que vem da escuta clínica, e um modo de nos mantermos saudáveis para analisar. Pergunta-se também “Em que consiste escutar em psicanálise? E qual a relação entre escutar e escrever?”. Responde isso fazendo uma metáfora entre a escuta do analista, que põe em marcha o associar livremente do paciente, respondendo a uma voz interna que passa a falar, e o escritor, que ao escrever também responde a uma voz íntima própria e passa a produzir um texto, que ganha voz no leitor (analista), se mesclando a este, como se falasse somente a si, e assim o texto cumpre sua função. Mariano faz ainda um transcorrido pela escrita abordando o que chama de “epidemia de falar e escrever em psicanálise”, os diversos tipos de relato, a escrita conveniente para a psicanálise e o inenarrável, a eficácia simbólica do relato, e a experiência de editar textos.

A professora Regina Zilberman, do Instituto de Letras na UFRGS, traz o texto “Potencialidade Terapêutica e Ato Literário” ilustrando com a análise do texto “Carta ao Pai” de Franz Kafka, um sentimental desabafo que nunca foi entregue ao seu real destinatário, a ideia da escrita como um impulso catártico e libertador, mas que somente ganha sentido quando encontra um destinatário, o leitor, tornado-se também para este (o leitor) uma experiência libertadora.

Roberto B. Graña, psicanalista da Brasileira e escritor, brinda-nos com um reflexivo texto, intitulado “A Potencialidade Terapêutica da Experiência Literária: interpretância x usabilidade”, em que traz a experiência literária como “curativa” no sentido de ser capaz de acessar o mais íntimo e genuíno do sujeito – Usabilidade –, e traz uma crítica à utilização interpretativa – Interpretância – da produção textual que aprisiona na busca de significados.

O artigo “Entre a vertigem e as Palavras na Clínica Psicanalítica: uma reflexão” da colega psicanalista Tula Bisol Brum (SPPA) faz uma analogia entre o artista/escritor e o psicanalista, na capacidade de captar o indizível e dar-lhe a expressão da palavra. No ato de escrever, assim como no encontro analítico, estaria a tolerância ao “não saber”, contemplando o que está por vir.

Vera Cardoni, também escritora e psicóloga, nos oferece o texto “Escrita e Psicanálise – da névoa à escrita” um rico ensaio no qual aborda a emergência da palavra falada à escrita, no processo criativo tanto literário como psicanalítico. Diz ser a escrita, a narrativa de uma pulsão.

Fechamos essa edição, com o trabalho de Victor Guerra, “Indicadores de Intersubjetividade de 0-12 Meses: do encontro de olhares ao prazer de brincar juntos – parte I”. Aqui Victor nos fala de como o conceito de intersubjetividade, abre uma perspectiva na construção da vida psíquica do bebê, sendo algo relativamente novo vê-lo, não só em seu desamparo e dependência absolutos, indiscriminado do objeto – mãe, mas também como um coparticipante de um processo de subjetivação, através do qual vai se construir como sujeito. Victor elabora “um guia de indicadores de intersubjetividade”, através de um filme realizado por ele, que mostra os marcos do processo de subjetivação do bebê no seu primeiro ano de vida. Pensa também que isso pode ter um valor diagnóstico. O presente texto foi elaborado a partir desta filmagem. Este trabalho não poderia ganhar outro espaço que não o desta revista, que traz a “Escrita e Psicanálise” como grande tema. Victor traz neste trabalho a semente da comunicação humana, “língua primitiva da humanidade”, como chama – a intersubjetividade – que é no final de tudo, a essência da “Escrita” e da “Psicanálise”.

Finalmente gostaria muito de agradecer o empenho e entusiasmo dos colegas dessa equipe editorial na tarefa de produzir essa revista, sobretudo as colegas Rosa Beatriz Squeff e Carmen Lúcia Moussalle, bem como a nossa antiga assistente editorial, Ananda Feix que com muita paciência e afeto, dentro de sua experiência editorial, nos conduziram pelos melhores caminhos. Agradeço também a jovem Juliana Ulrich atual assistente editorial pela coragem e empenho em abraçar conosco esta produção, é merecedora de todo nosso reconhecimento.

“Escrita” e “leitura”, parceiros e cúmplices de um encontro de amor, tal como o encontro analítico, tal como o encontro bebê e objeto. Assim, somos imensamente gratos a todos os autores que, com muito afeto e generosidade, se oferecem a esse “encontro” com seus textos, bem como aos leitores que irão se debruçar, também com o mesmo afeto e generosidade, sobre as próximas páginas des-



sa Revista.

Desejo que tenhamos todos momentos prazerosos de leitura... amorosos encontros!

Um afetuoso abraço.

Mara Horta Barbosa
Editora

Porto Alegre
1º semestre de 2014

